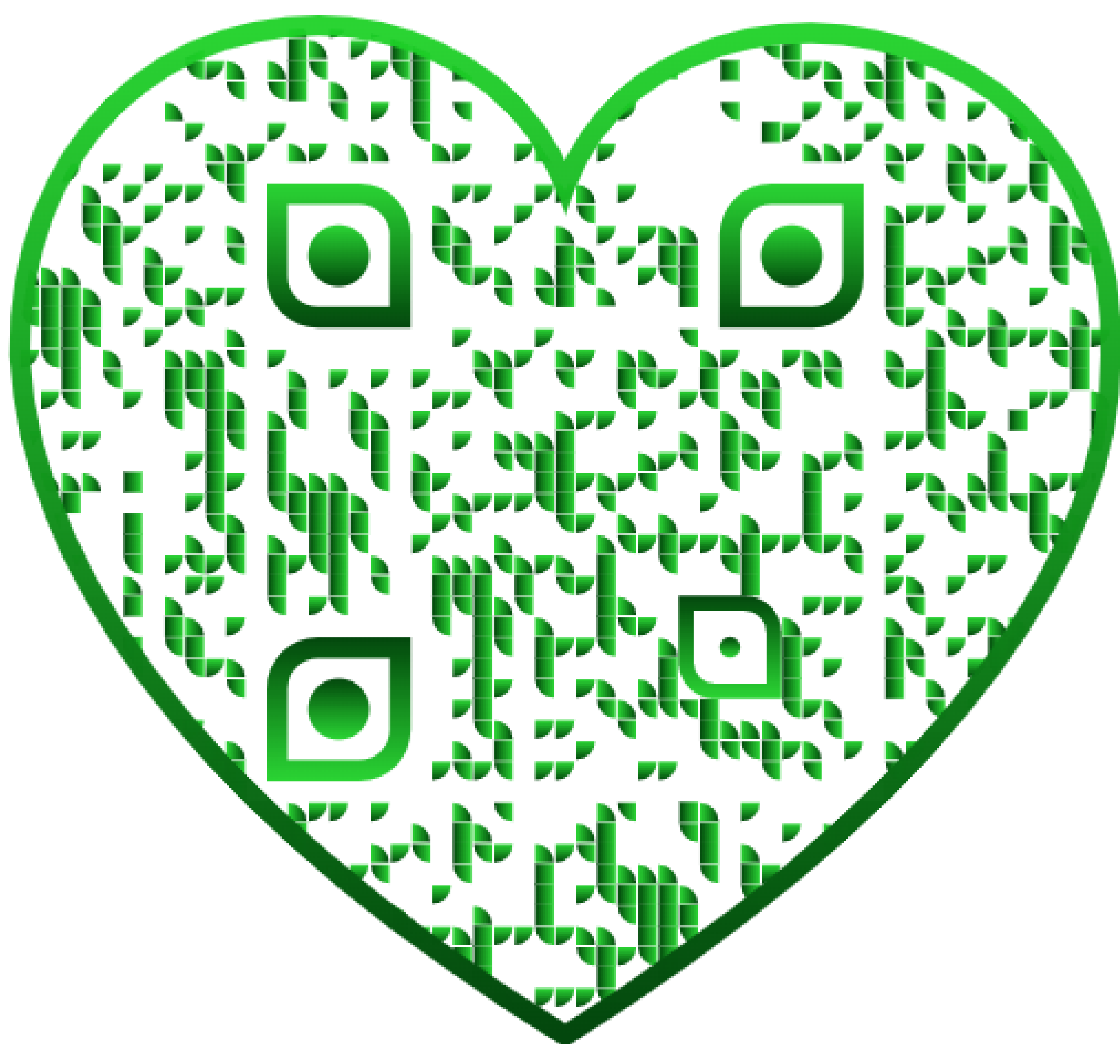
DO INVERNO



AO INFERNO

(IGOR CHIESSE ALVES DE OLIVEIRA)



DO INVERNO AO INFERNO

Igor Chiesse Alves de Oliveira

Junho de 2008

Dedico este livro aos meus familiares e amigos, mas em especial a minha eterna amada, que me ajuda a entender e prosseguir na vida, mesmo tendo em vista as dificuldades. Ao seu lado tudo se torna fácil, pois comigo carrego o nosso infinito amor.

Igor Chiesse Alves de Oliveira

MANHÃ...

Eram aproximadamente 6 horas da manhã em um pequeno vilarejo situado na cidade de São Paulo. As pessoas se encolhiam diante do frio penetrante em seus pequenos corpos, os ventos batiam de forma tão intensa, que chegavam a estremecer alguns pedaços de árvores jogados diante a forma brutal com que a natureza se exaltava. Diante deste clima nada propício estava eu na sacada da janela do meu quarto, vendo os ventos cortando tudo e todos. Eu ficava sem aparente razão feliz, em ver o resultado da época do ano em que eu mais gostava.

Meu nome é Antônio, sou Brasileiro, mas odeio samba, futebol e outras coisas do gênero. Contento-me em ficar no compenetrado aos meus delírios internos sozinho, no meu anonimato profundo. Meus pais vivem me dizendo para eu parar de agir desta forma, que está na hora de arrumar um emprego e uma vida decente, um rumo digno para poder tocar a vida. Mas eu sou um pouco diferente dos demais, prefiro ficar olhando a vida pegar forma, mudar os rumos e acreditar um dia que todos estes ventos que batem na minha porta, um dia serão ventos que poderão trazer aos meus pés um ótimo motivo em prosseguir na vida.

Todos os dias eu olho a janela do meu quarto e vejo o clima mudando, agora estamos no inverno, época que mais gosto e admiro. No inverno as pessoas não ficam mais próximas uma das outras, as pessoas pouco saem de suas casas, tudo é perfeito para nós que adoramos ficar sozinhos do mundo. Mas um fato curioso aconteceu nestes dias, eu estava olhando a janela como de costume, e vi uma jovem aparentemente muito bonita, olhando fixamente para a minha janela. Na hora eu fiquei estremecido, não sabia o motivo de tal fixação em minha pessoa, não sabia ao certo o que ela realmente queria

para comigo. Sem perder a classe eu fui mais perto da janela e limpei o vidro que já estava todo embaçado diante das minhas respirações cada vez mais forte.

Após limpar o vidro , olhei fixamente para a jovem e não resisti , acabei abrindo a janela, mesmo diante daquele frio tremendo. E não contive em perguntar:

_ *Ei, eu por acaso te conheço? Nós já nos vimos em algum lugar?*

A jovem nada respondeu a minha pergunta, pelo contrário, ao ouvir a minha voz ela se retirou definitivamente das minhas vistas. Andou de forma lenta e gradual em rumo a sua aparente moradia. Tentei com o meu olhar ver de fato onde ela estava indo, ou seja, a residência de onde ela tinha saído, porém devido aos ventos fortes, não consegui ver a sua real moradia.

Depois desta experiência nada satisfatória eu resolvi me retirar da janela, e comecei a me arrumar para ir para a minha faculdade. Todos os meus pensamentos, gestos, tinham no meu subconsciente a imagem da jovem. Eu já não sabia mais o que fazer diante destas dúvidas que pairavam na minha cabeça.

Lá estava a minha pessoa novamente sozinha dos demais, até mesmo indo para a faculdade eu desço completamente distante dos demais. Não é bem porque eu quero, mas é porque a minha cabeça é completamente diferente dos demais da minha classe, da minha idade...

Vou descendo de forma devagar, tudo isso para poder aproveitar bastante o frio cortando o meu corpo de forma agressiva, mas isso por estranhas causas me traz certos

momentos de felicidades. Estava prosseguindo quando surpreendentemente eu avisto a jovem indo no mesmo sentido que o meu, porém na rua ao lado. Eu começo olhar para ela de forma suave, sem que ela perceba que estou olhando para ela. Tentei atravessar a rua, mas um carro veio justamente na hora em que eu pensei fazer isto, e olha que esta rua só passa carros em dias raros. Mais uma prova que eu nada podia fazer diante da jovem. Eu nem ao menos sei de fato quem ela é, a única coisa que eu sabia era que ela estava no mesmo parâmetro que o meu, estava andando sozinha das demais meninas, estava praticamente na mesma sintonia que a minha, distante do mundo externo.

Em todo trajeto que a jovem fez, eu observava atentamente todos os gestos, movimentos. Pude notar com clareza que ela não olhava fixamente para lugar algum, nada que ela fazia tinha contornos de felicidade e alegria externa. Parecia que eu tinha encontrado alguém que assim como eu, não achava sentido em sorrir ou viver a vida.

Apesar de tamanha semelhança, a jovem nem ao menos notou a minha presença próximo a dela. Tentei tossir, bocejar, porém nada que eu fazia produzia resultados. Tentei cantar em voz alta, porém nada obtive desta experiência nada convencional. Já estava ficando um pouco cansado de ter que insinuar a minha presença diante da jovem, já não suportara mais ter que passar em branco todos os momentos tentando chamar a atenção.

Foi quando eu estava descendo de cabeça baixa, que por incrível que pareça, a jovem tentou puxar conversa comigo. Na hora eu nada consegui ouvir de tamanha surpresa, mas a jovem conseguiu timidamente sussurrar uma pequena palavra.

_Oi!

Olhei para os respectivos lados das ruas, e notoriamente a rua estava demasiadamente vazia. Só dava para sentir o vento cortando a minha roupa, juntamente com a bela garota. Nada se via nada se ouvia, mas este pequeno modelo de comunicação que a jovem tentou fazer comigo, me despertou para uma pequena aproximação.

_Olá!

Depois de dizer um breve Olá, e ouvir um singelo Oi, tudo pareceu eternamente mudo e estático no meu mundo. Nada se ouvia a não ser o barulho dos ventos batendo com força nas árvores.

O silêncio permaneceu, será que a nossa conversa somente iria ter essa pequena aproximação? Esta pergunta permaneceu na minha perturbada mente até chegar o meu destino, o ponto de ônibus.

Depois de alguns minutos descendo o topo aonde eu resido, que mais parece ser eterno, eu chegara ao ponto de ônibus. Lá estavam praticamente todos os elementos que compõem a sociedade, pessoas que precisam rapidamente chegar a seus destinos. Eu diariamente uso uma "máscara" para poder ficar ao menos parecido com os demais, mas por dentro eu acho que tudo e todos vivem com total futilidade. Pessoas que se mostram aparentemente risonhas, a meu ver não passam de seres sem total falta de credibilidade ao mundo, por isso utiliza-se dos risos para poder ganhar algum destaque dos demais. Realmente meus pontos de vista são completamente diferentes dos demais, eu vivo e

penso deste modo, posso até mesmo iniciar uma conversa, mas a minha mente voa de forma intensa para o vazio do meu ser.

De certa forma, eu já me acostumara com o trajeto realizado do ônibus. Cada movimento realizado pelo motorista era uma sensação de um enorme "Déjà vu".

Aos poucos já começo a cumprimentar os passageiros do ônibus, tamanha as vezes que eu acabo pegando-o para a faculdade. Nitidamente eu avisto a jovem no banco da frente do ônibus, olho ela bem de longe, para que não chame a atenção. Observando ela, percebo que ela possui um tratamento diferenciado dos demais. Todos os passageiros parecem conhecê-la a mais tempo do que de costume. Vejo até mesmo senhoras levantando para poder ceder os seus lugares a jovem, isto me causou certas dúvidas em relação à bela jovem.

Meus olhos continuam indo na direção da jovem, parece definitivamente que eu fui fisgado. Não consigo parar de imaginar o porquê da jovem ser privilegiada e reconhecida por todos. Quando eu estava sonhando acordado, um senhor ao meu lado, notou a minha forte insistência em olhar os bancos da frente, e disse:

_Aposto que você ficou de olho naquela jovem, hein!

Na hora a minha vontade foi de não responder, porém a educação falaria mais alto, e com uma voz de "felicidade", não pude deixar de dar as satisfações.

_*Eu estou olhando a paisagem!*

De certa forma, apesar de mentirosa a minha resposta, eu consegui tirar a atenção do senhor em mim. Jamais entendi algumas situações na vida, uma delas é o fato das pessoas aparentemente "estranhas" no nosso ciclo, querer indagar a nossa vida. Isto eu nunca vou conseguir entender.

Depois de 15 minutos de trajeto, eu finalmente estava chegando ao meu destino, eu estava me ajeitando para poder descer, quando o ônibus fez uma parada brusca. Era alguém dando o sinal para descer. Olhei para o banco da frente e não vi a jovem, só mais adiante, perto da porta principal do motorista que eu a vejo. Era ela a pessoa que estava para descer, mas aonde?

A jovem deu o sinal e desceu sozinha. Olhei para trás e somente via uma velha casa, caindo aos pedaços, aparentemente abandonada.

Ela tinha uma beleza radiante, apesar do rosto de sofrimento que ela trazia consigo. Eu mesmo sem ter nada com a jovem fiquei preocupado com o fato de ela descer em um lugar sombrio e abandonado, mas na hora nada pude fazer, pois não a conhecia e seria algo surreal descer e ir atrás dela.

Fiquei me sentindo culpado, por não ter descido e ir averiguar a situação. Mas o que eu poderia fazer se algo de ruim acontecesse, eu nada tinha a ver com a garota, muito menos com os problemas dela. Mal consigo cuidar dos meus problemas. Resolvi deixar passar este oportuno momento de lado, pois preciso ir à faculdade, e tenho que tirar a bela jovem da minha cabeça, embora isto seja algo completamente impossível.

TARDE...

Após o término da aula, eu resolvi juntamente com alguns amigos, jogar um pouco de conversa fora. Ficamos por horas comentando todos os assuntos relevantes e irrelevantes. Todos os assuntos sempre acabavam saindo à temática “sexo”. Todos os universitários que eu conheço, falam do assunto como se fossem graduados nesta área, Mas se fosse um teste na prática, aposto que a maioria teria que fazer dependência ou algo do tipo. O sexo para mim vem em conseqüência do amor de duas pessoas que se amam, não de um ritual carnal que envolve os mesmos.

A conversa estava um pouco entediante, resolvi sair de cena, ir tomar outros ares. Um dos meus hábitos é sempre sair de uma conversa no auge dela , quando tudo e todos começam a divulgar a sua vida como um livro , eu saio.

Resolvi andar em rumo à casa abandonada da bela jovem, era bem perto da universidade. Não custava nada eu ir lá, e dar uma olhada nas redondezas. Eu andei por alguns minutos, quando cheguei próximo a uma lanchonete para poder comprar água e alguma coisa para poder me alimentar. Ao pisar na lanchonete, eu avisto a jovem do lado de dentro, limpando o chão.

Desta vez, eu fui diretamente nela, não fiz rodeios como o de costume.

_Olá, você é a jovem que ficou olhando para a minha janela?

A jovem respondeu de forma educada.

_Sim, eu realmente estava olhando para você.

_Mas, o que você queria olhando para mim daquela forma?

_Eu sei que você é o rapaz que não ama a vida, todos sabem...

_Todos? Quem?

_Você tem tudo na sua vida, amigos, família... Não precisa olhar a vida com amargura , todos temos problemas , mas a vida dá voltas , tudo muda!

_Quer dizer que você me olhou na janela somente para este motivo?

_Não, eu apenas quis conhecê-lo...

Seria uma perda de tempo, ter vindo ao encontro da jovem? Tudo indica que eu necessitava de alguém que pudesse me ajudar a viver, mas alguém que não tivesse pena de mim, e sim amor o suficiente para poder me convencer que a vida é útil.

_Até agora eu não sei o seu nome, como se chama?

_Me chamo Maria, e você é o Antônio não é?

_Isto, aposto que inventaram muitas coisas sobre mim, tal que eu sou totalmente depressivo, fóbico, ou algo assim.

_Não, ouvi apenas as histórias boas sobre você.

Agora ao menos eu sei o nome da jovem, é Maria, um lindo nome que eu com toda a certeza irei guardar nos meus pensamentos. A sua beleza realmente é uma vista ao paraíso, seus olhos transmitem uma paz, uma tranqüilidade em que eu jamais pretendo sair. Estávamos a conversar , quando Maria disse que precisava ir , pois já havia acabado o expediente dela, e ela precisava correr para o hospital. Nesta hora eu não pude deixar de perguntar o porquê de ir ao hospital.

_Maria, você poderia me dizer o que você vai fazer no hospital?

_Bem, eu preciso ir pegar meus medicamentos, pois necessito deles diariamente para poder viver, uma noite sem tomar os remédios, eu posso não resistir.

Agora eu sabia o motivo da Maria dizer que preciso amar a vida, mesmo ela tendo todas as dificuldades, continua acreditando na vida. Isto me faz pensar seriamente no assunto.

Não pude deixar de perguntar, o que Maria fazia ao descer naquela casa velha e aparentemente abandonada.

_Maria, o que você fazia ao descer naquela casa velha?

_Eu moro nesta casa velha...

_Desculpe-me, eu não sabia que era a sua casa.

_Tudo bem. Moro lá porque meus pais não conseguem pagar meus medicamentos, e por isso todo o dinheiro que era do aluguel, acaba sendo para pagar todas as minhas despesas médicas.

Fiquei pensando por alguns segundos, o quanto esta garota tem a vida infeliz, e mesmo assim ela não desiste e tenta mudar os fatos. Isto é algo belo de se ver, uma realidade em que muitos acabam se acomodando, e nada fazem para mudar. Maria é incrível, nunca conheci alguém assim como ela, somente conheci garotas fúteis, que pensam somente na beleza e no peso. Resolvi convidar a Maria para sair comigo mais tarde...

_Maria, se você não tiver nada para fazer, quer sair comigo?

Aparentemente, Maria mostrou sinais que não estava muito afim, mas ela era um tanto delicada e encantadora, mesmo nas repostas.

_Sim, mas aonde você gostaria de me levar?

_Podemos pegar um cinema, que tal?

_Por mim, tudo bem.

Estava marcado o meu primeiro encontro, com a garota dos meus sonhos. Finalmente eu conheci alguém que estava valendo à pena viver. Maria era linda, incrível

e muito esforçada. Depois de alguns períodos vivendo em depressão, achei alguém que poderia tirar pensamentos nada convencionais da minha mente, e me transformar em um homem realizado e feliz.

Marcamos de pegar um cinema à noite, porque ela teria que sair do hospital na parte da tarde para pegar seus medicamentos. Mesmo antes de nos vermos, eu já estava me roendo de ansiedade, pois eu esperei muito para encontrar alguém como a Maria.

Não pude deixar de pensar, o que Maria teria afinal. Qual a sua doença? Seria isto algo sério? Ou uma doença que ela poderia levar uma vida socialmente normal. Estas dúvidas e hipóteses sobrevoaram a minha mente até altas horas.

Pela primeira vez em anos, eu estava feliz. Podia-se ver em meu rosto, o retrato da felicidade em meus olhos. Mesmo não tendo nada com a Maria, eu estava feliz, por encontrar alguém que estava me fazendo acreditar na vida.

Meus pais também notaram a diferença, eu geralmente entro na minha casa completamente mudo, não consigo ter um diálogo necessário para meu convívio adequado na minha própria casa. Sou filho único, todos acabam me paparicando de qualquer forma, isto acaba gerando em mim, uma espécie de conflito interno, que na maioria das inúmeras vezes, eu acabo perdendo.

Eu já estava quase pronto para poder ver a Maria, estava me arrumando de forma elegante e jovial. Resolvi desta vez tiras as minhas roupas pretas, coloquei algo bem tradicional e confortável. Devido à época do inverno, eu coloquei um belo casaco para poder me proteger desta época do ano. Apesar de ainda sentir certos prazeres em ver o vento batendo no meu corpo com força, eu não pude deixar de me cobrir, pois o inverno estava atingindo as ruas de forma violenta.

NOITE...

Eu já estava esperando a Maria conforme o combinado. Marquei em frente ao cinema, apesar do frio intenso, eu permaneci lá por alguns minutos. Passaram-se 30 minutos depois do combinado, e nada da Maria chegar. Cheguei a imaginar que eu tinha levado um tremendo fora, um convite ao abismo e a solidão.

Horas se passaram, e nada da Maria chegar. Todos os casais, que tinham marcado algum compromisso ou namoro, já estavam dentro do cinema assistindo o filme. Tudo o que eu queria era a companhia da Maria ao meu lado, em uma noite de intenso inverno.

Eu já estava mais uma vez deprimido, tudo estava dando errado novamente, até mesmo com a Maria deu errado. Mas o que será que eu tenho de tão horrível assim, que faz com que a pessoa não venha ao meu encontro? Estas perguntas eu já tinha feito e refeito inúmeras vezes no meu subconsciente.

Eu resolvi ir embora, já não tinha mais nada para poder fazer naquele bendito local. Tudo estava dando errado na minha vida, já não tinha novamente motivos para felicidade externa e interna.

Estava indo embora quando eu percebi uma grande confusão em uma rua próxima, vi pessoas gritando e chorando. Uma ambulância também veio com muito barulho e rapidez. Certo movimento se instalou no lugar, resolvi dar uma pequena olhada como quem não quer nada, e avistei o que eu jamais queria ver...

Vi diante dos meus olhos, o corpo da Maria, jogado no chão. A multidão ficava perplexa e eufórica, mas eu somente conseguia olhar, e timidamente soltar as minhas primeiras lágrimas, de muitas que ainda estavam por vir. Não pude deixar de notar as mãos da Maria, estavam com o seu pote de remédios vazio, completamente vazio.

Mais tarde os paramédicos e uma ambulância, chegavam ao local. Eu somente pude olhar de longe, pois a multidão em volta do corpo era enorme. A minha história de vida se resume a isso, sou o primeiro que amou mesmo não tendo um relacionamento de verdade. Minha vida é o reflexo da ilusão, tudo o que fiz ou deixei de fazer, passava na minha mente com total lentidão. Jamais conheci alguém como a Maria, que mesmo não tendo dinheiro para comprar os remédios, ou para outra situação, tentava viver de forma digna e honesta.

Passei metade da minha vida acreditando nos sonhos não realizados, agora vou passar o restante da minha vida relembrando a época do inverno, que se transformou para mim, um verdadeiro inferno.

FIM